

DENIS COSGROVE E O DESENVOLVIMENTO DA PERSPECTIVA SIMBÓLICA E ICONOGRÁFICA DA PAISAGEM

Denis Cosgrove and the development of symbolic and iconographic perspective of the landscape

José Luiz de Carvalho¹

RESUMO

O presente artigo analisa as aproximações epistemológicas verificadas entre a obra do geógrafo cultural inglês Denis Cosgrove e o Instituto Warburg. A partir da biblioteca fundada pelo historiador de arte Aby Warburg nas primeiras décadas do século XX na Alemanha, em Hamburgo; com referenciais voltados, sobretudo, ao estudo da memória e formação das imagens representacionais na cultura humana. Investiga como com base nessas referências iniciais, bem como da filosofia das formas simbólicas desenvolvida na obra do filósofo da cultura alemão Ernst Cassirer, o historiador de arte Erwin Panofsky pode repensar e reinterpretar conceitualmente o conhecimento da iconografia e iconologia. E, por conseguinte, como a partir do contexto desta específica teoria do conhecimento o geógrafo cultural inglês Denis Cosgrove realizou, através das suas obras de referência, uma renovação epistemológica na ciência da geografia, mais especificamente pelos seus estudos voltados à categoria de paisagem, reformulada categorialmente em sua obra também nas dimensões iconográficas, iconológicas e simbólicas.

Palavras-chave: Geografia cultural. Paisagem. Iconografia. Iconologia. Simbolismo.

ABSTRACT

This paper analyzes the epistemological approaches verified between the work of the english cultural geographer Denis Cosgrove and the Warburg Institute; from the library founded by the art historian Aby Warburg in the first decades of the 20th century in Germany, Hamburg, with references mainly addressed to the study of memory and formation of representational images in human culture. It investigates how based in these initial references, as well as from the philosophy of symbolic forms developed in the work of the german philosopher of culture Ernst Cassirer, the art historian Erwin Panofsky could conceptually rethink and reinterpret the knowledge of the iconography and iconology; and therefore as from the context of this particular theory of knowledge the english cultural geographer Denis Cosgrove performed, through his own referencial works, an epistemological renewal in the science of Geography, specifically by his studies focusing on the category of landscape, categorically reformed in his work also in the iconographic, iconological and symbolic dimensions.

Keywords: Cultural Geography. Landscape. Iconography. Iconology. Symbolism.

¹ Geógrafo e Historiador. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, PPGeo do Departamento de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, UFPR. carvalho.ueda@gmail.com; josecarvalho@seec.pr.gov.br.

✉ Av. Erasto Gaertner, 2078, Ap. 432, Bairro Bacacheri, Curitiba, PR. 82.515-000.

INTRODUÇÃO

A obra do geógrafo cultural inglês Denis Edmund Cosgrove (1948-2008) é ainda pouco estudada nos meios acadêmicos brasileiros e parte desse problema pode ser detectada na fronteira linguística entre o português e o inglês; pois em razão dos escassos trabalhos do autor traduzidos, o acesso às suas ideias e ao desenvolvimento geral da sua obra fica restrito a um círculo menor de pesquisadores e interessados. No âmbito da geografia cultural brasileira os estudos em Cosgrove, ou sobre sua vida e obra, mais aprofundados foram realizados pela UFRJ e NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura), como, por exemplo, os trabalhos publicados por Corrêa (2009; 2011) e Corrêa e Rosendahl (1998; 2000).

Geógrafo de orientação marxista Cosgrove se insere como intelectual no quadro das intensas transformações ocorridas na geografia cultural das décadas de 1960 e 1970; a proposição de uma geografia radical que passa pela fundação, em 1969, do periódico “*Antipode – A Radical Journal of Geography* e do *New Left Review*”, em 1960, cujos novos paradigmas bebiam na fonte das ideias revolucionárias de pensadores como Stuart Hall, de Birmingham, e Raymond Williams, de Cambridge, e pelos aportes oriundos da fenomenologia, da hermenêutica e das ciências sociais traçou os caminhos iniciais pelos quais desenvolveria seu trabalho e que, por fim, acabaria por causar uma reviravolta teórica de conhecimento dentro da própria geografia cultural de orientação marxista; corrente a qual inicialmente se vinculava. Em seu texto de 1983, “Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria”, embora coloque em debate uma proposta teórica para uma nova geografia com base no materialismo histórico e dialético, algo específico, para além dos categoriais teóricos do marxismo ortodoxo, aparece em seu trabalho: a questão simbólica no contexto das relações

de produção e reprodução material e cultural da vida dos homens em sociedade. À constatação evidente de que os homens agem sobre o meio transformando-o, e ao mesmo tempo transformando a si mesmos através do trabalho e dos artefatos e reprodução da cultura, o geógrafo dá grande importância à sociabilização como uma “arte coletiva” sustentada em sua dorsalidade pelos códigos de comunicação; sendo esses caracterizados por apresentarem-se, sobretudo, como uma **produção simbólica**:

A produção e reprodução da vida material é, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, pintura, e a dança, o ritual, a cerimônia e as construções. Mesmo esta lista não esgota a série de produções simbólicas através das quais mantemos o nosso mundo vivido, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Esta apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (genres de vie) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos. A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço (COSGROVE, 1983, p.1).

Nesse sentido Cosgrove já realizava uma penetração em outras dimensões da **cultura** e da natureza que envolve o homem em um eterno devir. A sua crítica, por outro lado, se dirigia também a infundada tentativa de definir um conceito para cultura, pois isto implicaria em dar-lhe uma objetividade que não possui. A cultura para ele é atividade preponderantemente subjetiva e apresenta-se concretamente no âmbito do vivido; definir-lhe um conceito, assim como para a **história**, não passava de uma obsessão burguesa européia. Especialmente porque após o desenvolvimento do capitalismo mercantil na Europa ocidental, a partir do século XVI, concomitantemente com o

desenvolvimento do Renascimento desde séculos precedentes, um novo “olhar” sobre o mundo tornar-se-ia hegemônico: o modo europeu de ver o mundo; e com ele, na acepção cosgroveana, o surgimento do conceito moderno de **paisagem**.

Assim, um dos grandes temas cosgroveanos, a paisagem, a partir das conquistas mercantis europeias e das perspectivas filosóficas e artísticas renascentistas, ascendeu como uma maneira do europeu ver, configurar e conformar cosmologicamente e ideologicamente o mundo que o cerca – Cosgrove dedicaria, por exemplo, em “*Geography & Vision: Seeing, Imagining and Representing the World*” análises sobre a construção simbólica da América e de como nesse contexto fontes para a história americana, como os mapas, textos, pinturas, relatos e descrições de sagas se apresentam como **iconografias** que podem ser lidas em camadas de dimensões históricas e simbólicas. Neste sentido as paisagens em Cosgrove passaram a ser detentoras de uma história mais complexa, exigindo uma leitura crítica e dialética, e podem ser desvendadas, como numa espécie de arqueologia de fatos justapostos e superpostos, através das “camadas” de sentidos contidos nas suas representações.

A paisagem cosgroveana passa, portanto, a ter uma (ou diversas) história e ser tanto ente material como, ao mesmo tempo, substrato cultural representacional. Assim no decorrer do pensamento de Cosgrove, gradualmente a **paisagem**, como mantenedora da **história** e da **cultura** (a formação social), conteria como que hipertextos que podiam ser iconologicamente lidos na história da cultura a partir das iconografias representativas dos tempos pretéritos.

INSTITUTO WARBURG E ERWIN PANOFSKY

O que historicamente tem sido conhecido na literatura científica como Instituto, ou Escola, Warburg surgiu do trabalho do historiador de

arte alemão Aby Moritz Warburg (1866-1929). Profundo estudioso da arte e cultura pagã e do renascimento europeu Warburg primava pela proposta de uma maior interdisciplinaridade nos estudos da história da arte, realizando uma aproximação entre a antiguidade clássica e a cultura da época moderna e rejeitando os estudos com os enfoques determinantemente estilísticos. A partir dessas suas preocupações o instituto surge em princípios do século XX, já nos primeiros anos da década de 1900, inicialmente a partir das obras de referência que aos poucos foi formando em sua biblioteca pessoal dedicada à arte e à cultura. Sendo esta posteriormente alocada na Universidade de Hamburgo, fundada em 1919. Mais tarde, com a ascensão do regime nazista sob a liderança de Adolf Hitler e do programa do NSDAP em 1933 os controladores do instituto o transferiram para Londres, atualmente associado à Universidade de Londres, como forma de proteger sua valiosa documentação de pesquisa das perseguições nazifascistas, já que Warburg e muitos dos seus colaboradores eram também de origem judaica. Entre os arquivos contemporâneos do instituto é mantido disponível para o público e estudiosos o grande trabalho de vida de Warburg, o “Atlas Mnemosyne”, obra monumental sobre a memória imagética europeia que buscou realizar a partir do conceito de *engramma* e que deixou inacabado.

Entre os pesquisadores que estiveram envolvidos com a vasta documentação arregimentada por Warburg, inicialmente em Hamburgo, estiveram filósofos como Ernst Cassirer (1874-1945) e historiadores como os historiadores de arte Erwin Panofsky (1892-1968) e Ernst Gombrich (1909-2001); tendo este último também dirigido o instituto e, assim como Panofsky, influenciado, sobremaneira, a obra de Cosgrove a partir do desenvolvimento da sua teoria do conhecimento com o reconhecimento de que as iconografias oriundas da história da geografia, como os mapas e textos literários, são portadores de

“camadas” de mensagens históricas e simbólicas sobre a paisagem. Panofsky, provavelmente estudando a vasta documentação disponível no instituto sobre a arte medievla acabou por renovar os conceitos de iconografia e iconologia. Entre as prováveis influências do historiador está Cesare Ripa (1555-1622); um dos importantes **iconógrafos** dos tempos medievos. Era tarefa do iconógrafo medieval-renascentista criar descrições e figurações imagéticas, ou **alegorias**, de lendas antigas, principalmente greco-romanas, relatos bíblicos e de festas e divindades pagãs; a ele também cabia descrever e representar os sentimentos, ideias, vícios e virtudes humanas e a partir desse seu universo figurativo, composto também de interpretações sacras e profanas, podia auxiliar escritores, poetas e artistas em geral; cujas representações pudessem inspirar reinterpretações do vasto campo da vivência humana e dos sentimentos. O caminho para esse universo representacional medieval-renascentista se processava através das **iconologias**, ou as representações propriamente ditas realizadas por esse tipo de artista-figurador, como Ripa. Em uma das suas iconologias (alegoria) Ripa (1603, p.41) fez a seguinte descrição sobre a beleza:

Se descreve a beleza com a face escondida entre as nuvens, porque não é coisa da qual muito dificilmente se possa falar em língua mortal; e quem menos se possa conhecer com o intelecto humano; quanto à beleza, qual coisa criada, não é outra, metaforicamente falando, que um esplendor que deriva da luz da face de Deus [...].²

Panofsky certamente embebeu-se na Biblioteca Warburg do estudo da iconografia e iconologia medieval como a encontrada em Ripa,

² Tradução livre de: “Si dipinge la bellezza com la testa ascosa fra le nuvole, perche non è cosa, dela quale più difficilmente si possa parlare com mortal língua, & che meno si possa conoscere com l’intellecto humano, quanto la bellezza, la quale, nelle cose create, non è altro, metaforicamente parlando, che um splendore, che deriu della luce della faccia di Dio [...]”.

certamente conheceu e estudou o trabalho do iconógrafo disponível nos arquivos e a partir disso revolucionou esse gênero de estudo com suas novas interpretações. Influenciado pelo desenvolvimento da revolucionária obra filosófica de Cassirer e pela dimensão simbólica como formas do espírito apresentada pelo filósofo, a obra de Panofsky lançou uma nova luz especialmente para as pesquisas sobre o Renascimento e as obras de arte renascentistas, seu campo específico de estudo. Para o historiador tornou-se necessário ir além das meras interpretações formalistas e estilísticas das obras de arte, como as que eram realizadas pela escola do também historiador de arte Heinrich Wölfflin (1864-1945) e seus seguidores.

Em seu texto “Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao Estudo da Arte da Renascença” Panofsky traçou os pressupostos da iconografia como o ramo da história da arte que trata do tema, ou mensagens, das obras de arte, apontando como tema ou significado e forma são concepções distintas e devem ser estudadas em suas especificidades. Ao analisar metaforicamente um fato presumível de um simples conhecido que o cumprimenta na rua o historiador introduz e esmiúça os seus três níveis de temas ou significados para as obras de arte e para análise do simbolismo contido na história da cultura: o tema primário ou natural (subdivido em fatural e expressional); além dos temas secundários ou convencionais e dos intrínsecos ou de conteúdos. Sendo que neste último nível se centraria a **análise iconológica** propriamente dita e onde as mensagens simbólicas, ou o “mundo dos valores simbólicos” como definiu o autor, no sentido cassireriano podem ser perscrutadas após uma prospecção analítica do estudioso das camadas de significados apresentadas nas iconografias, para além dos aspectos meramente formais e estilísticos. Neste ponto, bastante esclarecedor, Panofsky asseverou que

ao concebermos assim as formas puras, os motivos, imagens, estórias e alegorias, como manifestações de princípios básicos e gerais, interpretamos todos esses elementos como sendo o que Ernst Cassirer chamou de valores simbólicos (PANOFSKY, 2014, p.52).

Em sua metodologia o historiador propõe naturalmente princípios necessários para o ato da interpretação iconográfica donde se tem em conta o **objeto da interpretação**, o **ato interpretativo**, além do **equipamento** e os **princípios corretivos** para tal exercício.

Ao conceber para consecução de sua obra os princípios da teoria do conhecimento de Cassirer, propiciadas em sua essência pela renovação paradigmática de Warburg e também pelos demais simpatizantes, Panofsky redimensionou o estudo das iconografias permitindo não só realizar a interpretação como que em *layers*³ de sentidos de um documento, ou mensagem histórica, como também realizar uma crítica desse documento-monumento para além da sua estrutura composicional e formalisticamente representativa; essa muitas vezes, aceita apenas aprioristicamente, como ocorre com os mapas na história da cartografia na ciência da geografia, quando nesses não se vai além dos seus significados primários, fatuais ou expressionais, numa definição panofskiana.

DENIS COSGROVE E A PAISAGEM E IMAGEM ICONOGRÁFICAS

Já em um dos seus textos fundadores, como inicialmente observado, Cosgrove anunciava a importância de se verificar os aspectos simbólicos presentes na cultura. A sua pioneira **geografia radical**, entretantes, ao demonstrar os aspectos conflitantes entre a geografia cultural e o marxismo buscou examinar como ambos, embora partissem para o

autor do mesmo princípio ontológico, que é caracterizar as relações entre os seres humanos e a natureza como histórica, acabavam por conflitar-se em suas contribuições à geografia.

A questão, portanto, nas perspectivas teóricas iniciais de Cosgrove era entender como o materialismo dialético podia ser metodologicamente utilizado nas novas abordagens da geografia cultural, desde as proposições predecessoras de Vidal de la Blache e Carl Sauer e dos conceitos elaborados por ambos, ainda essencialmente morfológicos, como *pays* e **paisagem cultural**, ou aqueles mais ligados a processos como *genre de vie* e **ação humana**. O conceito de tempo como a quarta dimensão na geografia de Sauer, e a aplicação do seu método morfológico goethiano com a exigência clara da introdução dos estudos sociais ou da sociedade, também já reforçava o papel da história – consequentemente da cultura – e sua importância no conjunto das relações sociedade-natureza. Entre as preocupações de Cosgrove não estava em nenhuma hipótese a definição conceitual de **cultura**, mas, acima de tudo, a reafirmação de sua possibilidade de apreensão somente através da sua condição de *práxis* humana, o que a tornava o tema central do humanismo; e, portanto, como consequência também, na concepção do cientista, o tema fundamental da geografia humanista.

O mundo vivido da cultura na perspectiva de Cosgrove a partir dessas suas reflexões deixa de ser um produto da consciência desimpedida, mas se relança para uma compreensão mais totalizadora, demonstrando como esta se processa como uma rede de imbricações onde estão envolvidos o mundo material e coletivo e a consciência operante; e onde os aspectos simbólicos podem ser plenamente identificados na construção individual e coletiva e na herança histórica das sociedades – por conseguinte, para Cosgrove, em toda tentativa de compreensão dialética entre natureza e cultura (história) devia se evitar quaisquer permeamentos tanto de um idealismo excessivo

³ Camadas.

como de um materialismo marxiano reducionista. No decorrer da sua obra que se lança dessas suas acepções heterodoxas iniciais, conceitos como **formação social** e **paisagem** vêm a ser revisados e revalorizados no âmbito da geografia cultural. Assim principalmente a categoria de paisagem passa a ser repensada por Cosgrove no âmbito da geografia para além das interpretações ainda predominantemente fisiográficas e que ainda permaneciam na ciência, mesmo após a tradição americana iniciada por Sauer.

À crítica historiográfica da paisagem, agora interpretada a partir dos recursos metodológicos oriundos da ciência da iconografia e iconologia principalmente panofskiana, Cosgrove acaba por interpor tanto a necessidade de uma leitura histórico-cultural e simbólica da paisagem quanto a possibilidade, em razão dessas novas orientações teóricas, de uma metageografia como campo de estudo da geografia. Em um dos seus primeiros livros seus argumentos de pesquisa já esboçavam essas novas diretrizes:

Minha primeira intenção em 1984 era elaborar estudos, especialmente em geografia, com o viés do que me parecia uma nova orientação: estabelecer a interpretação da paisagem no contexto de uma crítica historiográfica. Teorizar a ideia de paisagem tendo como referências o entendimento marxista de cultura e sociedade; e assim ampliar o conceito de paisagem além do que parecia um foco onde predominava uma estreita visão fisiográfica (COSGROVE, 1998, p.xiii).⁴

A paisagem, portanto, desde essas suas primeiras formulações teóricas tornou-se o primado categórico pelo qual Cosgrove passou

⁴ Tradução livre de: "My primary intention in 1984 was to press landscape studies, especially in Geography, towards what seemed to me especific new directions: to locate landscape interpretation within a broadly Marxian understanding of culture and society, and thus to extend the treatment of landscape beyond what seemed to me a prevailing narrow focus on design and taste."

a mirar a compreensão da formação social da sociedade ocidental; na qual a América, formada a partir da expansão mercantilista e renascentista européia, também se apresenta como uma construção material e espiritual oriunda dos valores culturais dos europeus. Para os primeiros conquistadores em princípios do século XVI o vasto território americano representava tanto a base material de um novo e "inesgotável" *front* econômico quanto a realização das utopias mítico-religiosas da antiguidade clássica e judaico-cristãs pós-medievais que impregnavam ainda o espírito europeu – para Cosgrove a América como paisagem, que com isso oscilava em significação entre as noções de lugar selvagem e lócus edênico, "parecia oferecer a chance de realizar um ou outro ideal entre a multiplicidade de ideais, crenças e valores: social, político, religioso e ambiental" (COSGROVE, 1998, p.161). A noção, ou **ideia de paisagem**, é desta maneira, na visão cosgroveana, uma atitude moderna européia que tem sua origem na ruptura realizada pelo Renascimento:

A paisagem primeiramente emergiu como um termo, uma ideia, ou melhor, ainda, um modo de ver o mundo no século quinze e em princípios de do século dezesseis. Isto foi, e ainda permanece, um termo visual, que surgiu inicialmente no humanismo da Renascença e de seus conceitos particulares e construtivos do espaço. Igualmente a paisagem foi, muito mais do que sua própria história, inserida nessa forma prática de apropriação do espaço. Como nós podemos verificar, foi a partir das conexões dessa nova forma de ver e "mapear" a paisagem que também se formaram e consolidaram-se os novos Estados comerciais, nas mãos de uma burguesia urbana nascente [...] (COSGROVE, 1984, p.46).⁵

⁵ Tradução livre de: "Landscape first emerged as a term, an idea, or better still, a way of seeing the external world, in the fifteenth and early sixteenth centuries. It was, and it remains, a visual term, one that arose initially out of renaissance humanism and its particular concepts and constructs of space. Equally, landscape was, over much of its history, closely bound up with the practical appropriation of space. As we shall see, its connections were with the survey and mapping of newly-acquired, consolidated and 'improved' commercial estates in the hands of an urban bourgeoisie [...]"

Assim a paisagem em Cosgrove além de possuir uma historicidade que tem raízes renascentistas e no contexto da formação de uma nova burguesia européia passa a possuir também uma imaterialidade no contexto dessa crítica historiográfica; como uma **imagem visual** significada mostra-se, portanto, como uma “imagem cultural, uma estrutura pictórica que representa, simboliza e estrutura a realidade” (COSGROVE, 2008, p.1). Os significados visuais e verbais a ela agora atribuídos permitem examiná-la como um texto complexo, uma teia de significados, cuja imbricação possui uma complexa história tanto no seu campo material quanto representacional; e o uso dos ambientes passados passa a ser o indicador dessa rede simbólica de significações e representações.

No caso da América, por exemplo, sob as formas representacionais simbólica e iconograficamente posteriormente produzidas a partir da conquista e consolidação da colonização europeia jaz um sem número de visualizações e verbalizações passadas dos povos indígenas subjugados no processo colonial e dos primeiros colonizadores; no contexto da formação de novas civilizações modernas miscigenadas num contínuo processo de assimilações culturais e transfigurações étnicas. Perscrutar a paisagem americana, portanto, a partir do ponto de vista cosgroveano significa necessariamente ter que se levar em conta esse “cosmo iconográfico” onde se imbricam a cultura mercantil e renascentista européia e o complexo universo das culturas autóctones e colonizadoras; que no sucessivo processo de ocupação, reocupação e ressignificação do vasto território além da fronteira simbólica original, o Oceano Atlântico, criaram novas simbolizações e estruturações das paisagens; e cujas representações geográficas fornecem um amplo campo de análise, especialmente para os geógrafos. A paisagem assim vista, embora seja uma categoria fundamental da geografia física em suas estruturas biodinâmicas e geomorfológicas, constitui-se num conjunto similarmente dinâmico de

imagens culturais e representações permeadas cuja imbricada história transcorre no processo de reprodução da cultura; em “A Iconografia da Paisagem”, obra que editou em companhia de Stephen Daniels, em sua parte introdutória dedicada à iconografia e à paisagem a influência panofskiana e cassireriana das formas, ou imagens, simbólicas é evidenciada pelos autores (COSGROVE; DANIELS, 2008).

A paisagem como imagem e símbolo passa, desse modo, por uma ampla revisão paradigmática, aproximando ainda mais a geografia cultural a outras áreas do conhecimento; o seu mais completo exame a aproxima das mais diversas áreas da cultura, donde recebe sua energia renovadora e seus reais significados como as artes, a literatura, a história social, a antropologia, etc. Em referência à importância dos estudos em geografia da paisagem a partir dos referenciais propostos inicialmente pela hermenêutica warburguiana da sobrevivência representacional das imagens, com a filosofia de Cassirer e os trabalhos de Panofsky assim se referem os autores:

Para Cassirer símbolos não eram meras figuras que se referem a uma realidade dada por meio de sugestão ou representações alegóricas; mas no sentido de suas forças, cada uma delas produz e postula um mundo próprio. A questão de saber qual é a realidade para além destas formas, e quais são os seus atributos independentes, torna-se irrelevante aqui. Para a mente, apenas o que pode ser visível tem alguma forma definida; porém cada forma de existência tem a sua fonte em um particular **modo de ver**, em alguma formulação intelectual e intuição do significado (COSGROVE & DANIELS, 2008, p.2-3).⁶

⁶ Tradução livre de: “For Cassirer symbols were not mere figures which refer to some reality given by means of suggestion or allegorical renderings, but in the sense of forces, each of which produces and posits a world of its own. The question as to what reality is apart from these forms, and what are its independent attributes, becomes irrelevant here. For the mind, only what can be visible which has some definite form; but every form of existence has its source in some particular way of seeing, some intellectual formulation and intuition of meaning”.

A **maneira, ou modo, de ver** se estabeleceu, assim, na obra de Cosgrove como um atributo fundamental das culturas humanas, pois é partir da maneira como os homens veem, utilizam e simbolizam as paisagens que elas ganham sua própria história no contexto da cultura; portanto, é tão real em significação a paisagem de um campo de cultivo ou de um complexo de montanhas quanto uma pintura, um conjunto de relatos literários ou um poema. Ao penetrar-se no estudo de uma dada cultura primitiva, por exemplo, serão tão reais os artefatos que possam ser trazidos para a interpretação historiográfica a partir de uma escavação arqueológica quanto possíveis pinturas até então escondidas em uma caverna ou relatos de sagas e lendas populares reconstituídas; o cosmo de significados não se esgota na reconstituição material das paisagens e artefatos culturais, mas se amplia com as representações artísticas, pictográficas e literárias deixadas sobre essas.

Visão, imaginação e representação do mundo constituíram, pois, uma tríade conceitual pela qual Denis E. Cosgrove – na definição de Della Dora (2008) um *Uomo Universale* – buscou desvendar através da ciência geográfica o cosmos experiencial e simbólico da cultura humana; em sua perspectiva pós-moderna de pesquisa paisagem e espaço constituem-se mais em um palimpsesto, ou em “*deeply layered texts*” (COSGROVE; DANIELS, op. cit. p.8), cujos múltiplos significados “reais” ou “autênticos”, historicamente legados, podem de alguma maneira ser recuperados. Sendo que mesmo as supostas “realidades” ou “autenticidades” de uma paisagem pretérita ou contemporânea nada mais são do que justaposições e sobreposições de usos culturais distintos e diversos no tempo histórico. Assim, a partir da revolução hermenêutica propiciada pelo pensamento de Cosgrove se vislumbra, por consequência, que sobre uma determinada paisagem cultural, ou

7 Textos com profundas camadas.

recorte paisagístico, diferentes narrativas podem ter sido produzidas e são constantemente produzidas no uso material da natureza e no cosmo da cultura quanto também diversas narrativas podem ser realizadas pelos próprios estudiosos, como os geógrafos culturais, através da interpretação iconológica, tendo os registros iconográficos e a própria paisagem como fonte documental. Desta maneira, tanto a paisagem – assim como o espaço e tempo e os demais categoriais geográficos – quanto às iconografias que os representam como mapas, pinturas, relatos ou quaisquer outras inscrições geo-históricas e mesmo o próprio *corpus* discursivo científico da ciência geográfica, após o advento das teorias do conhecimento dos filósofos e historiadores da cultura e do simbolismo e de geógrafos da cultura como Cosgrove, se tornaram, para além das suas concretudes materiais e conceituais, também formulações que podem ser interpretadas no campo do simbólico, portanto também imaginativas e representacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importantes trabalhos, quer sejam na área da geografia histórica ou que abordam o percurso moderno da evolução da teoria do conhecimento na Geografia Humanista e na Geografia Cultural, têm constantemente verificado nesse contexto a importância da obra de geógrafos como Denis Cosgrove, assim como demais ligados ao desenvolvimento da abordagem humanístico-cultural como Peter Jackson, Stephen Daniels, James Duncan, entre outros. Essa trajetória renovadora, sobretudo da Geografia Cultural, tem aproximado a Geografia cada vez mais de outros campos do conhecimento como a literatura, a sociologia, a filosofia, a arqueologia, a arquitetura, a arte, a história, etc. Neste percurso da Geografia o categorial da **paisagem** gradativamente foi evoluindo de uma concepção ainda

material, mesmo a partir da tradição ocidental da Escola de Berkeley, para uma perspectiva também representacional e simbólica; ocorrida em grande parte pelas aproximações interdisciplinares com outras ciências. Esta virada epistemológica, no entanto, que se intensifica a partir da década de 1970, já havia sido proposta por David Lowenthal (1961) tanto na exposição realizada no XIX Congresso Internacional de Geografia, Estocolmo, 1960, quanto no seu artigo clássico “Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a uma Epistemologia Geográfica” abordando a importância da memória, da imaginação e da linguagem no modo como diferentes culturas e indivíduos “imaginam” e representam o mundo que os cerca de acordo com suas próprias experiências, constituição e desenvolvimento cultural.

No contexto desse debate, este escrito objetiva propor uma discussão específica em torno do pensamento de Denis Cosgrove, cuja obra pode ser contextualizada no conjunto dessa renovação epistêmica; no entanto, especificamente, buscando demonstrar que na obra de Cosgrove pode ser verificada uma aproximação com a teoria do conhecimento da filosofia das formas simbólicas desenvolvida pelo filósofo da cultura alemão Ernst Cassirer e pelos pensadores ligados ao instituto do historiador de arte Aby Warburg; entre esses o também historiador de arte Erwin Panofsky. A teoria e os métodos de análise da **iconografia** e **iconologia**, especialmente desenvolvidas por Panofsky para a leitura iconológica das imagens e inicialmente aplicados ao estudo das obras de arte, foram assimilados por Cosgrove no desenvolvimento do seu pensamento. E na revisão de sua orientação inicialmente marxista de caráter mais ortodoxo o geógrafo acabou por renovar, sobretudo, os conceitos e as abordagens sobre **formação social e paisagem** – percurso já iniciado em 1976 na sua tese de doutoramento “A Paisagem Paladina: Transformação Geográfica

e Suas Representações na Itália do Século Dezesesseis”, publicada em 1993; e mais claramente delineado a partir da obra “Formação Social e Paisagem Simbólica” (1984).

A partir desta revisão paradigmática e nas constituições conceituais da “Ideia de Paisagem e do Modo de Ver” passou Cosgrove a mirar o processo histórico-cultural pelo qual a paisagem é diferentemente e sucessivamente utilizada e representada, transformando-se esta, por conseguinte, tanto em ente material quanto simbólico e representacional. Na argüição deste trabalho, portanto, que se põe no campo crítico da escrita da história da Geografia, a **iconografia da paisagem**, entendida a partir dos pressupostos do simbolismo cassireriano e panofskiano, passou a ter protagonismo fundamental no desenvolvimento mais sistemático da obra de autor e editor do geógrafo inglês. E, neste sentido, a paisagem em Cosgrove tornou-se um conceito polissêmico, tal qual a cultura, e inúmeros aspectos da sua obra podem ser ainda explorados pelos geógrafos e por estudiosos de outras áreas do conhecimento. ☉

REFERÊNCIAS

- CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. 3 vols.: I - a linguagem; II - o pensamento mítico; III - fenomenologia do conhecimento. Trad. Marion Fleischer, Cláudia Cavalcanti e Eurides Avance de Souza; rev. Moacyr Ayres Novaes Filho e Flávio Benno Viebneichler. São Paulo: Martins Fontes, (2001, 2004 e 2011).
- CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n.29, p.7-21, jan./jun. 2011.
- COSGROVE, Denis. Prospect, perspective and the evolution of landscape idea. **Senior Lecturer in Geography**. Loughborough University, p.46, may, 1984.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**, EdUERJ, Rio de Janeiro, p.92-123, 1988.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. Trad. Olívia B. Lima da Silva. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.5, p.5-29, 1998.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**: with a new introduction. First published in 1984. Madison, Wisconsin: The University Of Wisconsin Press, 1998, 332pp.

COSGROVE, Denis. Landscape and the european sense of sight: eyeing nature. **Handbook of Cultural Geography**, edited by Kay Anderson, Mona Domosh, Steve Pile and Nigel Thrift, London; Thousand Oaks; New Delhi, p.249-268, 2003.

COSGROVE, Denis. **Geography & vision**: seeing, imagining and representing the world. New York: I. B. Tauris & Co. Ltd, 2012.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. New directions in cultural geography. **Wiley**, v.19, n.2, p.95-101, jun. 1987.

COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen (Eds.). **Iconography of landscape**: essays on the symbolic representation, design and use of past environments. First published in 1988. Cambridge–UK: Cambridge University Press, 2008 (tenth printing).

DELLA DORA, Veronica. Denis Cosgrove: uomo universale. Environment and Planning D: **Society and Space**, v.26, p.381-388, 2008.

FILHO, Sylvio Fausto Gil. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, p.47-65, 2012.

GOMBRICH, Ernst H. **Aby Warburg**: an intellectual biography. Chicago: The University of Chicago Press, 1986. Disponível em:

<<https://gombrich.co.uk/>> e <<http://www.engramma.it/eOS2/index.php>>. Acesso em: 13 maio 2017.

LOWENTHAL, David. Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, v.51, n.3, p.241-260, sept.1961.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.163-186, dez. 2010.

PANOFSKY, Erwin. **Perspective as symbolic form**. New York: Zone Books, 1991.

PANOFSKY, Erwin. **Studios sobre iconologia**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RIPA, Cesare. **Iconologia overo descrizione di diverse imagini cauate dall'antichità, & di propria inuentione**. Roma: Apresso Lepido Faeÿ, 1603. Disponível em: <<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ripa1603>>. Acesso em: 13 maio 2017

RIPA, Cesare. **Iconologia di Cesare Ripa**; pervgino cav.re de sti Mavritio, e lazzaro: nella quale si descrivono diverse imagini di virtù, vitÿ, affetti, passioni humane, arti, discipline, humori, elementi, corpi celesti, provincie d'italia, fiumi, tutte le parti del mondo, ed altre infinite materie. Siena: Florimi, 1613.

SANGRO, Raimondo di. **Iconologia del cavaliere Cesare Ripa**. Perugia: Stamperia di Piergiovanni Constantini, 1765.

SAUER, Carl O. **Hacia una geografía histórica**. Trad. y presentación de Guillermo Castro H. Discurso a la Asociación Norteamericana de Geógrafos. Baton Rouge, Louisiana. Diciembre de 1940.

SAUER, Carl O. **Land and life**: the selection from the writings of Carl Ortwin Sauer. Editeb by John Leighly. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1969.

Denis Cosgrove e o desenvolvimento da perspectiva simbólica e iconográfica da paisagem
José Luiz de Carvalho

SAUER, Carl O. The Fourth Dimension of Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.64, p.189-192, march. 1974.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. Aby Warburg e a pós-vida das Pathosformeln antigas. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n.05, p.134-147, set. 2010.

TOWNSEND, Stacie A. Symbolic discourses: the influence of Denis Cosgrove in the field of Geography. **The California Geographer**, v. 54, pp.59-68, 2015.

WÖLFFLIN, Enrique. **Conceptos fundamentales de la historia del arte**. Tercera edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1952.

Submetido em Novembro de 2016

Revisado em Abril de 2017

Aceito em Junho de 2017